

Bloody kisses: uma aventura artística no espaço da comunicação

Cláudia O'Connor dos Reis

Resumo

Este trabalho pretende analisar as imagens do fotolog "Bloody Kisses" como um exemplo de intercruzamento de experimentação artística e apresentação do eu na rede.

Palavras-chave: imagem, identidade, presença, fantasmagoria

Introdução

As tecnologias digitais de comunicação motivaram o surgimento de inúmeros novos campos de investigação para os pesquisadores da área. Essa diversidade de temas e horizontes investigativos hoje apenas começa a ser explorada e, dada a multiplicidade de dimensões culturais ali envolvidas, parece exigir mais claramente que em quaisquer outros setores do conhecimento uma abordagem transdisciplinar e atenta aos possíveis cruzamentos entre campos da cultura. As formas híbridas e as intercessões talvez se apresentem entre os mais importantes objetos de análise no domínio das novas tecnologias.

Partindo desse pressuposto, o presente artigo recorta seu objeto em um fotolog que se manifesta no entrecruzamento de dois grandes campos de interesse para a pesquisa sobre as possibilidades da Internet e das tecnologias digitais: a apresentação do eu no espaço da rede e as potencialidades de expressão estética nesse novo espaço cultural.

O fotolog a ser analisado é o "Bloody Kisses" (<http://www.fotolog.net/sinistra>), criado pela arteterapeuta brasileira

Singoalla de Oliveira e o fotógrafo e webdesigner Sean Christian Grahm.



Os fotologs são páginas em que se pode incluir uma foto e um texto que, pode ser um comentário sobre a foto ou abordar um tema qualquer. Os fotologs, ou flogs surgiram como um desdobramento natural dos blogs. O termo *weblog* foi criado pelo norte americano Jorn Barger, em dezembro de 1997, para definir as páginas pessoais que utilizavam ferramentas que permitiam, não só a ligação a outras páginas mais facilmente, como o uso de "blogrolls" (gestão de links) e "trackbacks" (gestão de arquivos), assim como comentários aos textos. Em 1999, Peter Merholz, criou na sua página pessoal a palavra "blog", como diminutivo de "weblog". A partir de então, os blogs passaram a ser largamente utilizados, tanto para fins puramente pessoais como também sites especializados em política ou blogs jornalísticos. Os blogs tornaram-se muito conhecidos quando através deles se pôde conhecer fatos sobre a guerra no Iraque que não eram transmitidos pela TV e

pelos jornais. Cidadãos civis divulgavam aos outros internautas seus testemunhos oculares sobre a guerra.

Até então, o elemento principal desse tipo de página era o texto. Com o surgimento dos fotologs, as fotos, ou seja, a imagem, passou a ser o elemento principal, e hoje já existem também os videologs.

Os flogs surgem como registro do cotidiano de seus usuários, acompanhando a tendência contemporânea confessional e autobiográfica manifestada na TV em programas como o Big Brother e na rede com o uso das webcams e dos blogs e fotologs como diários íntimos.

Embora já existissem diários íntimos ao longo da História, em particular no Renascimento e no século XIX, existem pelo menos duas características que diferenciam os diários manuscritos de então e os diários online atuais.

A primeira delas é que ao passar para a rede os diários perderam seu caráter confidencial, tornando tais narrativas públicas, ao alcance de qualquer pessoa que esteja online. Se é verdade que alguns dos diários manuscritos chegavam a ser publicados, quando não eram publicados postumamente, geralmente era por uma decisão posterior de seus autores, mas inicialmente eram sempre concebidos para serem secretos e inalcançáveis à curiosidade alheia.

A outra característica é que os diários íntimos online são interativos, ou seja, cada pessoa que lê pode deixar suas impressões sobre a imagem ou o texto através de comentários, que podem porém ser apagados pelo autor da página.

Assim, de um exercício de reflexão consigo mesmo, o diário passa a ser uma oportunidade de partilhar experiências, idéias e sentimentos com outras pessoas. O que era segredo vira confissão.

Justin Hall, um dos primeiros americanos a ter um diário na rede, confirma em seu relato que sua motivação básica ao fazer uma página pessoal era a de partilhar experiências:

“Porque nós estamos sozinhos. Nós necessitamos de mais amigos ou ouvidos simpáticos, pessoas que possam ouvir nossas histórias e falar-nos as suas próprias, ou nos dizer onde elas foram mudadas. Nós gostamos de ler as histórias de outras pessoas porque elas nos ajudam a afirmar a nós mesmos. Fora dali nós não estamos sozinhos (...) colocar nossas vidas *on line* não significa conduzir nossas vidas *on line*, mas utilizar um veículo de partilha sem precedentes. Nós interagimos no mundo real e usamos o ciberespaço para colaborar, dividir e conjurar novas possibilidades”. <http://www.lins.net/webpub/whyweb.html>
(01/10/98)

Ainda tomando Justin como exemplo, seu diário na internet já compõem uma autobiografia de 5000 páginas.

Seria ingênua, porém, a visão de que tudo é exposto e revelado nos novos diários online. Apesar de seu caráter confessional, os autores de tais páginas seguramente ainda tem “segredos” que não gostariam de verem revelados a todos, ou melhor, aspectos de si que não gostariam de expor em público. Isso trouxe ao mundo acadêmico um interesse em pesquisar a reconstrução ou a representação de identidade na rede.

Analisando a materialidade de cada meio, os cadernos que serviam de suporte aos diários manuscritos e o espaço da rede, podemos perceber que a interatividade e o longo alcance de público que a rede oferece tiveram grande parcela de responsabilidade nessa mudança do íntimo ao confessional. Mesmo que o proprietário de um diário manuscrito quisesse a opinião de outras pessoas sobre o que escreveu, seu público não passaria de um pequeno número de familiares ou amigos. E ele

possivelmente se veria impedido de escrever enquanto seu diário estivesse em mãos de outros para leitura.

Já com o diário digital, o autor pode continuar escrevendo normalmente enquanto sua narrativa pode estar sendo acompanhada por qualquer pessoa que entenda a sua língua ou até por alguém de língua diferente que queira ver suas fotos ou imagens postadas todos os dias.

E aí é configurado o que talvez seja o deslocamento mais significativo que a rede trouxe aos diários. Se antes o indivíduo escrevia para si, agora, o fato de ter consciência de que suas páginas na rede poderão ser vistas por qualquer pessoa, faz com que surja uma preocupação em como sua imagem será vista. O ato de escrever deixa de ser fluido e espontâneo e passa a haver um planejamento prévio dos aspectos de si que serão mostrados ao outro.

Os vários eus no espaço da rede

Em seu estudo sobre identidade, Stuart Hall enuncia três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Para ele o Iluminismo foi marcado por uma visão muito individualista do sujeito e de sua identidade.

"O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia nun núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou "idêntico" a ele – ao longo da existência do indivíduo."(HALL, 2000: 10)

Posteriormente, a sociologia passou a considerar a interação com a sociedade na formação da identidade, no que se tornou a visão da sociologia clássica sobre a questão, a partir da visão de G. H. Mead, C. H. Cooley e os interacionistas simbólicos. "O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e

modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 2000: 11)

O sujeito pós-moderno rompe com o conceito de identidade fixa essencial ou permanente. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente”. (HALL, 2000: 12)

Em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, Hall prefere falar em “identificação”, e vê-la como um processo em andamento, estando em constante formação.

Para Maria João Silveirinha (2001:4-5), o termo identidade denota ao mesmo tempo uma idéia de semelhança e de diferença:

“A identidade oscila constantemente entre aquilo que nos torna idênticos a nós próprios e aos outros, e aquilo que, ao mesmo tempo, nos torna indivíduos únicos. A identidade é construída neste duplo movimento de assimilação e diferenciação, de identificação conosco e com os outros e de distinção de nós e dos outros”.

A partir daí a autora enuncia dois tipos de definição identitária do indivíduo, uma interna, onde este olha para si mesmo e uma externa, relacional e dependente da sociedade:

“uma definição interna, que dá ao sujeito o seu sentido de ser e de fazer, a imagem de si próprio, de acordo com a sua história pessoal e os seus valores e de acordo com o seu presente e os seus projectos de futuro; por outro lado, uma definição externa, segundo a qual ele tem de ser e fazer, aquilo que a sociedade espera de si”.

Essa visão do ser humano fragmentário, sem uma identidade fixa é comum a vários outros autores, como, por exemplo Sherry Turkle, cuja obra é referência no estudo de identidade na rede.

Essa condição de identidade fragmentária está inserida num contexto mais amplo da chamada “condição pós-moderna”, que segundo Erick Felinto (1998:18), é caracterizado pelo enfraquecimento da subjetividade e a impossibilidade criar narrativas totalizantes.

“Em face da de-substancialização do sujeito, o discurso perde o estatuto de verdade e transforma-se num universo de signos, símbolos e imagens fragmentários. Perturbado pela proliferação de sentidos, o sujeito pode adotar duas posturas divergentes: aceitar

a fragmentação e levar a existência como puro jogo de possibilidades ou se revoltar e tentar recuperar o sentido. A reflexão filosófica contemporânea, quase em sua totalidade, afirma a primeira atitude”.



As imagens do fotolog de Sinistra parecem ser fruto da primeira postura. Em lugar de apresentar o flog como relato visual de seu cotidiano, Singoalla cria uma personagem ou alter-ego, Sinistra, caracterizada por certas atitudes, certo visual (gótico-sombrio) e por uma série de pequenas histórias que podemos ler no site. Isso mostra a importância também de analisar o flog como um conjunto formado por imagem-texto, ainda que o elemento principal seja a fotografia. De forma mais acentuada que nas legendas de fotos jornalísticas, as legendas e pequenos textos de flogs constituem uma narrativa da brevidade, que não só explica o que se passa nas imagens, mas muitas vezes complementa essa narrativa visual.

Sinistra apela para elementos visuais altamente convencionados: imagens características de filmes de terror, mas de forma paródica e criativa. Seu fotolog pode ser definido como uma “aventura artística”, já

que cada foto e cada situação são cuidadosamente desenhadas para engendrar efeitos estéticos. A manipulação desse material visual em softwares como Corell ou Photoshop leva-nos a toda uma reflexão sobre o estatuto da imagem na era digital. As imagens que temos de Sinistra apontam, é claro, para certos índices do mundo real (a própria personagem fotografada em diferentes poses e com diferentes vestimentas), mas trata-se de um real transformado, com cenários frequentemente irreais, “limpos” das impurezas do mundo real, evocando climas de sonho e fantasia.

Existem duas linhas de expressão diversas do personagem de Sinistra. Em um momento Sinistra é personagem de um trabalho intitulado “The Malicious Manor”, uma história em capítulos que conta a chegada de Sinistra como empregada doméstica em uma mansão típica dos filmes de terror e seus dias subsequentes de trabalho no local. No primeiro capítulo, a imagem mostra Sinistra com o uniforme de empregada, um espanador na mão e olhando com cara de espanto uma lista de afazeres.

Se para muitos artistas a “idéia” é o ponto de partida do trabalho, no caso de Sinistra é possível que a mídia tenha inspirado os dois artistas a realizarem esse tipo de trabalho. A configuração dos fotologs, sempre com uma imagem e um comentário a cada vez, pode ter motivado a decisão de criar uma história em capítulos. No caso específico da história “The Malicious Manor”, o trabalho tem uma conotação mais artística, pois há toda uma preocupação em criar uma narrativa, conceber um enredo, como se fosse uma apropriação dos quadrinhos ou das fotonovelas.

Há também um trabalho paralelo dos dois artistas mostrando o personagem Sinistra não vinculado à nenhuma narrativa específica. Nesse trabalho, eles se aproximam mais dos fotologs tradicionais,

inserindo apenas uma foto de Sinistra e um comentário. Nesse caso, embora continue a ser uma experiência explicitamente estética, cabe perguntar se ainda assim se configuraria aí um trabalho "artístico", ou se passaria a caracterizar uma experiência "estética" auto-referencial.

Se arte consiste na apropriação e resignificação de objetos, imagens, do corpo, das tecnologias de comunicação e no sentido em geral, como quer Fernando Gonçalves, então também o trabalho auto-referencial do "Bloody Kisses" poderia ser conceituado como arte digital, já que se apropria do fotolog como meio e o resignifica. Gonçalves (2004:16) afirma que:

"Por ser um processo de produção simbólica – que articula e retrabalha elementos da cultura a todo instante-, a arte poderia, por um lado, nos ajudar a pensar os modos como o homem se relaciona hoje com a tecnologia, como vive a própria experiência da comunicação, e por outro, permitiria criar usos diferenciados das mídias e da tecnologia, ampliando suas possibilidades de intervenção cultural hoje."(GONÇALVES, 2004:16)

O trabalho artístico do fotolog é marcado por uma característica largamente utilizada na arte contemporânea que seria a de citar ou fazer referência a outras obras. A começar pelo próprio título do flog. "Bloody Kisses" é o título de uma canção do grupo musical norte-americano Type O Negative e a letra remete ao clima dark do fotolog pois é sobre alguém lamentando que uma mulher tenha se suicidado e querendo morrer também para juntar-se a ela. A certo ponto a letra diz: "Take me from this Earth/ an endless night this, the end of life/ From the dark I feel your lips/ and I taste your bloody kisses", que traduzido seria: "Leve-me deste mundo/ uma noite sem fim essa, o fim da vida/ Da escuridão sinto seus lábios/ e provo dos seus beijos sangrentos" (tradução minha).

As imagens também fazem referência ao universo do terror. Em 21/07/05 Sinistra aparece representando Nosferatu. De pé diante de uma sombria fachada em pedra, longas unhas negras, toda vestida de

preto e expressão facial que remete imediatamente ao Nosferatu interpretado por Max Schreck no cinema. Somente uma palavra na legenda da foto: “Nosferata...”

Em 29/01/05 a imagem é inspirada no livro Cabal ou The Nightbreed, (no Brasil o título foi traduzido como Raça da Noite) de Clive Barker, um autor inglês contemporâneo de horror. Sinistra como guardiã de um portão, provavelmente o portão da fictícia cidade de Midian, uma cidade semi-mítica que é um santuário para monstros e criaturas da noite. A imagem mostra um céu noturno carregado de nuvens típico do imaginário do terror e Sinistra tem uma chave em uma das mãos e uma pequena adaga na outra, com um efeito marmorizado na pele, como se fosse uma estátua.

Em outros momentos do flog, embora as imagens não façam referência a um determinado autor ou obra, ainda assim são claramente inspiradas no imaginário de terror. Em várias imagens, por exemplo em 06/04/05, ela aparece caracterizada como o Diabo, com o chifre e o rabo terminado em forma de flecha típicos da representação da imagem do diabo. Nesse dia específico, ela faz uma brincadeira com o calor do Inferno. O cenário é de gelo, ela se abana com um leque e a legenda explica: “Um dia frio no inferno”.

Em 31/10/05, Dia das Bruxas, a imagem é a capa do cd de um dj e mostra uma feiticeira lançando algum tipo de feitiço que faz sair (ou entrar) um vapor verde de uma típica abóbora de Halloween. Em 15/06/2004, a imagem é de Sinistra na capa de outro cd, da banda de NY, The Brides (As noivas) e ela aparece como duas gêmeas siamesas vestidas de noiva.

Além de siamesas, feiticeiras e diabas, Sinistra também “incorpora” zumbis e outros personagens freaks, como em uma série de imagens em que o corpo está separado da cabeça.

Vários elementos contribuem na formação do ambiente dark de seu fotolog. Seu visual é tipicamente vamp sedutor e ela está sempre vestida de preto, embora raramente possa ter um detalhe vermelho. A pele é sempre branquíssima com maquiagem preta pesada nos olhos e unhas longuíssimas. Além disso, as imagens são sempre sombrias e povoadas de personagens típicos do universo do terror, como morcegos, gatos e corvos, além de crucifixos e caveiras. Por algum motivo não se vêem tumbas, nem corujas, ratos ou fantasmas, que também são temas recorrentes no terror. E, curiosamente, ainda que o título do fotolog seja “Bloody Kisses” (Beijos Sangrentos), não há imagens de sangue.

Mesmo não apresentando imagens de fantasmas, o flog está de algum modo ligado ao tema da fantasmagoria. Fantasmagoria era o nome dado às exposições de ilusionismo ótico que eram feitas através de um aparelho chamado lanterna mágica e que eram uma atração popular no século XIX. Mas Hetherington (2001:27) explica que o termo fantasmagoria também quer dizer “fantasma ágora”. Ágora era o local público em Atenas onde as pessoas iam para falar e ouvir o que as outras tinham a dizer.

“Como Derrida nota, a palavra fantasmagoria significa literalmente “encontro fantasmagórico/local de falar”. É no espaço da ilusão, da imagem e do espetáculo que o fantasma aparece para passar sua mensagem” (Hetherington, 2001:27).

E o que seria o flog “Bloody Kisses” senão um espaço de ilusão num local de falar? Hetherington (2001:28) formula a teoria de que museus de arte ou qualquer outro lugar em que as coisas perduram como se estivessem alheias ao tempo, são espaços de descarte (disposal), mas não descarte no sentido de lixo ou inutilidade e sim de total disponibilidade, como de algo que está “à disposição”. “Arte em locais

de tempo suspenso não está sempre disponível, ela pode ser removida, esquecida ou se perder. O descarte pode significar ausência e também presença, e também pode representar uma oscilação entre esses dois transitórios estados do ser”.

Fantasmas também são algo que deveria ter “acabado”, deveria ter sido “removido”, mas que permaneceu “disponível”, “suspenso no tempo”. Então, embora Bloody Kisses tenha “removido” os fantasmas de seu universo de imagens, ainda assim ele está lá, pois os fotologs são por si uma estrutura fantasmagórica, não só por serem um local de espetáculo e de ilusão, nem por serem espaços de falar (fantasmas têm sempre uma mensagem a ser compartilhada e por isso não vão embora completamente), mas também porque a própria estrutura dos fotologs os faz um local de tempo suspenso, com seus “arquivos-museus” de imagens passadas que permanecem disponíveis à consultas, suspensas no tempo, imagens tais que embora estejam constantemente disponíveis também podem ser removidas ou permanecerem lá esquecidas sem que ninguém as consulte.

“As tecnologias de comunicação contemporâneas sem dúvida chegaram perto de realizar o sonho de onipresença, que é o sonho de criar experiências reais independente do local que nossos corpos estejam ocupando no espaço (GUMBRECHT, 2004: 139)”.

Como uma reflexão final, em relação à questão da identidade, ainda que a identidade de Singoalla seja reconstruída artisticamente através do personagem Sinistra, em alguns momentos a identidade pessoal da artista também é mostrada. Em 17/06/05, Singoalla aparece dormindo com a filha, despida da figura de Sinistra. E no aniversário do marido, em 26/05/05, ela publica uma foto dele em comemoração ao dia. Assim, várias identidades são mostradas: mãe, esposa, Sinistra, num exemplo que confirma a idéia de identidade fragmentária.

E em relação à questão artística, o trabalho de Singoalla e Christian é um exemplo de reapropriação de uso das novas tecnologias de comunicação para experimentações artísticas. Mesmo se o trabalho fosse realizado em outro suporte, como o livro, por exemplo, ainda assim o uso do computador seria indispensável à realização das imagens.

Referências Bibliográficas

FELINTO, Erick. Do mutismo atual do sujeito: notas sobre uma tentativa de ressuscitar a subjetividade. Revista *Logos*, ano 5, nº 8, Rio de Janeiro, 1998.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. *Comunicação, cultura e arte contemporânea*. Rio de Janeiro, Anais do 10º CIPEC, 2004, 16.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Production of Presence: what meaning cannot convey*. Stanford University Press, USA, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 4ª ed, Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

HETHERINGTON, KEVIN. *Phantasmagoria/Phantasm Agora: Materialities, Spacialities and Ghosts*. Space and Cullture, Ottawa, 2001.

SILVEIRINHA, Maria João - *A conformação das identidades nas democracias liberais. Comunicação e mediações sociais*, Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001;

TURKLE, Sherry. *Life on the Screen*. New York, Touchstone, 1997.

Cláudia O'Connor dos Reis é graduada em Jornalismo e exerce a profissão desde 1991, com atuação em mídias diversas. Mestranda em comunicação social pela Uerj, na linha Novas Tecnologias e Cultura e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PGPC) da Uerj. E-mail: cora99@oi.com.br